

SEGREDOS DESVENDADOS

Recordo-me, não obstante muitos lustros decorridos, mas ainda com muita clareza, de palestra a que assisti, nos idos tempos de ginásio, sobre os formidáveis sambaquis encontrados em solo brasileiro. Embora naqueles tempos tudo fosse muito diferente, a começar que nós todos, meninos e meninas, frequentávamos as aulas diárias devidamente uniformizados, sem distinção entre ricos e pobres, já eram frequentes motivadoras palestras sobre temas diversos, proferidas por importantes personagens da cultura brasileira. Quando, certa vez, o assunto foi “poesia”, jovens estudantes que então éramos e nos encantávamos com decassílabos e alexandrinos lidos em livros da biblioteca municipal da cidade, chegamos a vibrar com a excepcional oportunidade de conhecer e ouvir Guilherme de Almeida, naqueles anos já conhecido como o “príncipe dos poetas paulistas”. Voltando, contudo, aos sambaquis (do tupi-guarani “*tamba*” ou “*samba*”, que significa “concha” e “aqui”, montão), tema da presente crônica, que não passam de prosaicos restos de conchas e outros detritos deixados por indígenas à beira mar, que hoje são pesquisados e estudados por muitos arqueólogos, pesa-me dizer que, infelizmente, tais inestimáveis tesouros encontram-se ameaçados pela exploração econômica dessas verdadeiras montanhas de conchas, por serem elas excepcional fonte de cálcio. Uma pena, visto que não foram ainda desvendados todos os muitos segredos que guardam, como o fato de também terem sido achadas, pelos estudiosos, de permeio ao acúmulo de conchas, algumas ferramentas e sobras de alimentos, assim como animais e até mesmo corpos humanos, sugerindo que em certa época possam ter sido verdadeiros cemitérios. Ou, mais importante ainda, que aqueles povos primitivos encontravam-se, já naqueles tempos, em processo de sedentarização, que afinal acabou acontecendo. Como, então, dar continuidade à interpretação desses verdadeiros sinais deixados pelos povos que viveram há milênios, se os “livros” em que poderiam ser lidos e descobertos vêm sendo “apagados” pela insensata exploração econômica?

Outro entusiasmante trabalho desenvolvido entre nós, visando desvendar segredos igualmente muito bem guardados em diversos sítios arqueológicos, é o dos caçadores de dinossauros do Jurássico nordestino.

Com efeito, tive a feliz oportunidade de ler interessante reportagem jornalística a respeito de jovem mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geociências da Universidade de Pernambuco que, estudando fóssil tido como vértebra de crocodilo, que fora encontrado em Ibimirim, desconfiou que poderia ser de dinossauro. E era mesmo, conforme veio a ser comprovado através de profunda investigação que contou, até mesmo, com o concurso de pesquisadores dos Estados Unidos e da Alemanha. Tratava-se, vejam que loucura, de animal do Jurássico Médio que viveu entre 160 e 170 milhões de anos.

Por outro lado, dando vazas à imaginação, ao me lembrar do clássico filme de Spielberg sobre dinossauros, ponho-me a pensar em como teria ficado a linda Praia de Boa Viagem, agora que se sabe que tais estranhos bichos também habitaram, em priscas eras, o nordeste brasileiro, eis que estavam quase sempre lutando entre si e se matando com aquelas enormes bocarras de afiadíssimos dentes, prontas a abocanhar o inimigo a fim de vencê-lo. Não me furto a dizer que prefiro enfrentar, nestes tempos em que dos dinossauros restam apenas poucos fósseis, algum faminto tubarão que ainda ache que minhas velhas e por certo endurecidas carnes possam servir-lhe de alimento. E você, caro leitor, também pensa como eu?

Darly Viganó
darly.vigano@gmail.com